



**XIV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação
Hispanica de Literatura Medieval – FRONTEIRA- Almeida
(Guarda) – Portugal, 4-6 de setembro de 2024**

**XIV Colloquium of the Portuguese Section from the Medieval
Literature Hispanic Association - FRONTEIRA- Almeida (Guarda) -
Portugal, 4-6 September, 2024**

(a) Helena S. Moniz, (b) Ana Cristina Fonseca, (c) Iolanda Aldrei

(a) Universidade Aberta/NOVA FCSH – Doutoranda em Estudos Medievais
IEM – Instituto de Estudos Medievais
1099-032 & 1069-061 Lisboa; Portugal

2101801@estudante.uab.pt

(b) Universidade Aberta – Doutoranda em Estudos Portugueses
IELT-Instituto de Estudos de Literatura e Tradição
1069-061Lisboa; Portugal

1401621@estudante.uab.pt

<https://orcid.org/0009-0006-1423-6446>

(c) Universidade Aberta – Doutoranda em Estudos Portugueses
IELT-Instituto de Estudos de Literatura e Tradição
1069-061Lisboa; Portugal

2302344@estudante.uab.pt

<https://orcid.org/0009-0005-0054-4686>

Data recepção do artigo / Received for publication: 28 de outubro de 2024

DOI: <https://doi.org/10.4000/134bj>



A décima quarta edição do colóquio da secção portuguesa da AHLM realizou-se entre os dias 4 e 6 de setembro, em plena raia beirã, na histórica vila de Almeida, em terras de Riba Coa.

Tendo como tema “Fronteira”, não foi por acaso que o colóquio decorreu numa região que, durante séculos, delimitou os espaços do Reino de Portugal e de Leão, enquanto também marcava a separação entre os reinos do Norte com o Al-Andalus. De facto, o vocábulo “Beira”, no século XII, reportava-se aos territórios a oriente da serra da Estrela, entre os rios Douro e Tejo, sendo que os situados em Riba Coa, só tardiamente foram integrados no reino português, com o Tratado de Alcanices, em 1297, firmado por D. Dinis e Fernando IV de Leão e de Castela.

Um espaço para um colóquio

Atualmente, a praça fortificada de feição moderna e reconfigurada pela guerra da restauração seiscentista, já nada guarda da fortificação medieval, não obstante, ter cumprido com maior ou, por vezes, menor sucesso, a sua função de guardião da integridade de um território, face ao invasor, cujo culminar se verificou no período das guerras peninsulares, no início do século XIX.

Ora, “Fronteira”, conceito lato, analisado por tantas áreas do conhecimento, encontra-se implícito em Almeida, na sua aceção de limite ou de circunscrição na construção histórica do espaço geográfico português, no entanto, entre os medievalistas presentes no colóquio, “fronteira” traduziu-se sobretudo em espaço de intercâmbio e de confluência dos estudos literários que se desenvolvem a partir de uma multiplicidade de textos, géneros e formas, que no seu conjunto, contribuem para um cada vez maior e mais profundo conhecimento da época medieval.

O colóquio desenrolou-se intramuros, na Casa Memória Solar São João da Praça, em pleno centro histórico de Almeida, exemplo bem ilustrativo da residência da

nobreza militar de setecentos¹, ao qual foi feita uma interessante e enriquecedora visita guiada pelo professor Moutinho Borges, a qual veio complementar a primeira visita à vila histórica, marcada pelas invasões francesas: um percurso desde o século XIX ao império romano tardio. Seguindo o professor Moutinho Borges pelas muralhas que a rodeiam, avistava-se, ao longe, Espanha, e os caminhos dos vários conflitos de uma fronteira ibérica pouco estável a nível histórico. Pelos vários túneis, que se escondem atrás das muralhas, podiam-se observar os pastores que mantêm viva uma memória ancestral das primeiras comunidades que aqui se instalaram. Antes, e partindo do Solar S. João, localização deste colóquio, também foi feita uma visita à antiga judiaria que acolheu os refugiados de Castela, no século XV (e, novamente, na Segunda Guerra Mundial).

A primeira sessão científica

Se o encontro, a visita e o convívio caracterizaram esta primeira jornada, o início das sessões científicas marcou o dia a seguir, com uma primeira sessão centrada na poesia medieval: vilancetes pastoris de Juan del Encina, incunábulo poético, cantigas de amigo e amor no cancionero de D. Dinis e Pero Meogo na fronteira entre a tradição e o trovadorismo.

A conferência de abertura, foi apresentada pela Doutora Margarida Esperança Pina, presidente da Secção Portuguesa da AHLM e nela, a presidente da Associação Hispânica de Literatura Medieval e investigadora responsável pela base de dados *Parnaseo*², a Doutora Marta Haro Cortés explorou, no seguimento do seu anterior trabalho (2003) sobre a teatralidade dos vilancetes de Juan del Encina, a fronteira entre a lírica e o espetáculo, que está implícito nestas composições que apresentam marcas teatrais próprias do gosto cortês: referências a movimentos de personagens, gestos, vestuário e, até, uma possível coreografia, assim como a incorporação do público, nas éclogas.

¹ O solar foi construído a mando do Coronel de Infantaria José Delgado Freire, em 1726. *Vide* <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/local/solar-sao-joao-casa-memoria-almeida/>. [Consultado a 29 setembro 2024].

² *Parnaseo* é um servidor digital, no qual estão reunidos vários materiais, ferramentas e recursos científicos para a investigação estudo e conhecimento da literatura espanhola. Informação retirada de <https://www.ahlm.es/proyectos/all/#collapse10> [Consultado a 19 setembro 2024]. Para consultar base de dados, seguir: <https://parnaseo.uv.es/>

Sob a moderação da Doutora Cristina Álvares, deu início a sessão intitulada “Fronteiras poéticas”, na que, mantendo a temática no século XV, o professor da Universidade de Alicante, Doutor Josep Lluís Martos, coordenador da base de dados POECIM³, apresentou uma comunicação sobre codicologia e os limites materiais em torno dos incunábulo. A sua delimitação, numa rede de disseminação de exemplares, face às suas fontes, proveniência, localização e estado de conservação nem sempre é fácil de empreender, sobretudo, devido a fatores sociopolíticos, mas também por fenómenos de supressão e acrescentamento. Daí a importância da referida base de dados em *open access*, que permite aceder às informações filológicas dos documentos e se encontra em permanente atualização. Subindo, em direção à Universidade da Corunha, Letícia Eirin, colaboradora do projeto *Universo Cantigas*⁴, trouxe a fronteira entre as cantigas de amor e amigo de D. Dinis, que alega serem uma inovação do poeta, perito em ir além dos limites fixados pelos géneros. Assim, deteve-se em cantigas com um teor que pode ser considerado misto, na medida em que encontramos uma pastora que rejeita o amigo, que sente uma coita, uma senhora que deseja consumir o adultério, outras cantigas à “senhor” em paralelismo, versões dialogadas e cantigas que se respondem entre si. Depois foi a vez de Iolanda Aldrei⁵, de Santiago de Compostela: doutoranda em Estudos Medievais pela Uab e Nova – FCSH, que já conta com uma vasta experiência em Filologia Hispânica. A sua comunicação sobre o cervo enquanto fronteira do imaginário nas cantigas de Pero Meogo, baseia-se num estudo semiótico, em que a figura deste animal ultrapassa as suas denotações ligadas à caça, como atividade económica, e atinge significados simbólicos que derivam de uma cultura ancestral, de teor ainda Indo-Europeu.

³ POECIM constitui uma base de dados de poesia ecdótica impressa durante o século XV e meados do XVI, desenvolvida pela Universidade de Alicante, pelo grupo internacional CIM. Vide <https://cancioneros.org/poecim>

⁴ *Universo Cantigas* apresenta edições críticas da lírica profana galego-portuguesa. Vide <https://universocantigas.gal/>

⁵ Membro da Academia Galega da Língua Portuguesa, colabora ativamente com diversas revistas e instituições na preservação da cultura galega e no ensino do Português. Vide <https://www.academiagalega.org/academia/membros-numerarios/item/1949-iolanda-aldrei.-nova-acad%C3%A9mica-da-aglp.html>

Os passeios: a história viva

O programa da tarde levou o Colóquio para dois espaços nos que a Idade Média é ainda visível não apenas nos monumentos e nas estruturas conservadas, mas também no imaginário que ainda lateja neles. As visitas a Castelo Mendo e Castelo Rodrigo foram guiadas pelo Professor Augusto Moutinho Borges, que colocou o livro vivo da história ante os olhos e deu aos pés caminhos certos para reconhecer o trânsito dos relatos, a história das pedras e das comunidades e os elos que nos unem ao património destas povoações beirãs.

Castelo Mendo abriu as portas das suas duas muralhas: a gótica, do seu Burgo Novo, o Arrabalde de S. Pedro, construída principalmente no reinado de D. Dinis e a que protege o Burgo Velho, dos tempos de D. Sancho I, na passagem do século XII para o século XIII e, com permissão dos berrões pré-romanos, deixou trespassar a Porta da Vila para deixar à vista não apenas a magnífica Torre de Menagem do Castelo, também a cisterna, a Igreja de Santa Maria do Castelo, a de São Pedro e a de São Vicente, ou a antiga Casa da Câmara com a cabeça do Mendo a olhar para a Menda que é ornamento de uma casa próxima. A aldeia, construída a 762 metros de altitude, mantêm a sua soberania sobre o ribeiro Caldelos e sobre o Rio Côa e ainda conta as histórias do seu povoamento desde a Idade do Bronze, até a sua Carta Foral, a sua consolidação no Tratado de Alcanices, a Feira Franca e uma decadência iniciada sob o reinado de D. João I, mas também o seu papel na Guerra Peninsular e as honras que as pessoas que ainda a habitam lhe redem cada dia com a conservação das suas lendas e o sentido da permanência do espaço habitacional.

Em Castelo Rodrigo a história também se manifestou, guiada pelo Professor Augusto Moutinho Borges, mostrando as suas raízes pré-romanas, a sua passagem pelo Reino de Leão e a integração em Portugal em 1297, até o século XXI, no que ainda mostra as muralhas que a circundam a Igreja e o Convento de Santa Maria de Aguiar, a Igreja Matriz, ligada a Rocamador e à assistência aos peregrinos compostelanos, o Palácio Critóvão de Moura, o Poço-Cisterna ou o Pelourinho.

A segunda sessão científica

Sob o título de “Fronteiras narrativas”, desenrolou-se o último dia do colóquio, no qual foi possível ouvir comunicações sobre obras literárias de origem e carácter cronístico, representado pela *General Estoria* e pela *Crónica da Ordem dos Frades Menores* ou ficcional de feição mais erudita como os *Lai* de Marie de France e os romances de Chrétien de Troyes, ou mais popular como os romances da tradição oral moderna portuguesa.

A primeira comunicação, moderada pela professora Natália A. Pires, “Lobo ou louco. Repudiação, banimento e travessia da fronteira ontológica em *Bisclavret* e *Le chevalier au lion*”, apresentada pela professora catedrática da Universidade do Minho, Cristina Álvares, investigadora do CEHUM⁶, propôs uma análise comparativa entre o *Lai de Bisclavret* de Marie de France e *Le chevalier au lion* de Chrétien de Troyes, dois textos representativos da hibridação entre humano e animal ou da metamorfose entre são e louco. A Professora Álvares incidiu no banimento social das duas personagens masculinas, com a interferência significativa do feminino, remete-as para exemplos de hibridismo em que, quer a animalidade de *Bisclavret*, na sua metamorfose em lobo, quer a loucura e o autoisolamento de *Yvain*, consignam uma exclusão ontológica que os empurra para lá dos limites da sua própria humanidade, situação transitória, na medida em que para ambos é possível o retorno à condição prévia, logo à normalização social.

Continuando no universo dos textos arturianos, a segunda comunicação da manhã, “Cavaleiros fronteiriços e a criação da imagem heroica nos textos arturianos” da autoria de Ana Margarida Chora⁷, pôs em evidência o modo como perante provas de grande exigência, os cavaleiros dos textos arturianos se acham presos na fronteira entre o mundo real e o mundo feérico. Aquilo que poderia ser considerada uma recompensa ou um prémio pela bravura e coragem dos personagens, transforma-se em castigo e obstáculo, pois impede a sua errância de heróis, autêntica viagem

⁶ <https://cehum.elach.uminho.pt/researchers/8>

⁷ Membro integrado do IELT, tem como principais áreas de investigação a Matéria da Bretanha, o Orientalismo (literário e artístico), o Feminino e o Imaginário.

iniciática que os textos mais tardios e, por isso, mais cristianizados, tendem a concluir, encerrando, assim, um ciclo narrativo e simbólico.

Ainda, para finalizar a primeira parte da manhã, dedicada às fronteiras narrativas, foi retomado o tema do hibridismo, na comunicação de Helena S. Moniz, doutoranda em Estudos Medievais na UAb e Nova – FCSH, que tomou como fonte a Primeira Parte da *General Estoria*, o projeto historiográfico de maior fôlego do rei Afonso X de Castela, para abordar as fronteiras entre o Homem e o Animal, especialmente os seres híbridos antropomórficos da referida crónica, ilustrados, neste caso, pelas estátuas dos ídolos dos gentios, em que as características atribuídas a determinados animais conferem, por associação, um conjunto de significados simbólicos às entidades com as quais hibridam. Em última instância, verificou como estas imagens servem como metáforas para o poder político que o próprio Afonso X conceberia para o seu reinado, refletido na produção cronística que promoveu.

Continuando nas narrativas ibéricas, e apresentada pela Professora Isabel Barros Dias, Ana Fonseca, doutoranda em Estudos Portugueses da UAb, investigadora do IELT, formada em História da Arte e Literatura Portuguesa, dissertou, na sua comunicação intitulada “Entre este mundo e o outro...: visões, aparições e sonhos na Crónica da Ordem dos Frades Menores” sobre os relatos integrados na crónica franciscana, relativos aos monges que retornam ao mundo dos vivos para suplicarem alívio de suas penas no Purgatório, através do serviço litúrgico, num limiar entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

Passando à área da linguística, e aos romances de tradição oral, a professora Natália A. Pires, professora da Escola Superior de Educação de Coimbra e investigadora do IELT, cujo trabalho⁸ assenta na literatura oral dentro e fora da sala de aula e nos seus contributos para a cultura e imaginário ao longo das épocas em Portugal, assim como em (re) leituras de João de Barros e Pero López de Ayala, discorreu sobre bilinguismo, trilinguismo e, até, quadrilinguismo em romances de região de fronteira. Esta confluência linguística deve-se, segundo a comunicação intitulada

⁸ <https://romanceiro.pt/antigos-colaboradores/natalia-pires/>

“Língua de fronteira ou a fronteira da língua em romances da tradição oral moderna portuguesa” não só a fenómenos socioeconómicos e culturais, que caracterizam as relações dos povos fronteiriços entre si, mas, também, à circulação de narrativas de fundo oral comum, que foram, progressivamente, recebendo as marcas linguísticas dessas regiões.

A conferência de encerramento, “Romances de fronteira nos palcos de Lisboa?”, proferida pela Professora-Doutora Teresa Araújo, foi apresentada pela Professora Margarida Santos Apalhão e abordou a presença dos romances fronteiriços medievais em textos dramáticos representados em Lisboa, no século XVI. O título, em forma de questão, e a temática inerente decorrem do Projeto de Investigação, por si dirigido, *Revisões literárias: a aplicação criativa de romances antigos (séculos XV-XVIII)*⁹, e, a partir dele, a Professora apontou o considerável número de engastes ou interpolação de versos de romances antigos, coetâneos do período em que os reinos cristãos ibéricos, incluindo o português, fazendo fronteira com os territórios mouros, se encontravam imersos no processo de reconquista, e que, aparentemente, numa época mais tardia ainda eram do conhecimento geral, confirmando-se, portanto, a sua perenidade numa tradição comum de cariz oral e popular. Deste modo, foram apresentados exemplos, nos autos de António Prestes, importante, mas nem sempre reconhecido dramaturgo do século XVI, ou mesmo em textos de Francisco Manuel de Melo, o que prova o reconhecimento que o público teria de tais citações no contexto de representações teatrais.

O valor de um colóquio sobre a fronteira

As várias comunicações deste último dia, assim como a conferência final, espelharam a pluralidade de sentidos que o conceito de fronteira ou limite assume em géneros literários de características distintas, pois a sua polivalência semântica permite que crónicas, romances de cavalaria ou romances tradicionais sejam passíveis de uma análise que, sob o mesmo tema, permite linhas de investigação e

⁹ Este projeto iniciou-se em 2018, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, continuando com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e pretende criar um catálogo digital dos intertextos com origem em romances medievais, engastados com propósitos diversos, em obras literárias dos séculos XV-XVIII. A base de dados pode ser consultada em <https://www.relitrom.pt/index.php>.

conclusões diversificadas e cuja pertinência científica parece evidente. Da Filologia à Antropologia, é amplo o leque de abordagens que os estudos literários podem considerar ao analisar tal conceito que, sem dúvida, merece uma atenção e reflexão ainda mais incisivo.

Já as comunicações sobre textos poéticos do dia anterior fizeram refletir que a noção de limite está muito mais presente na mente dos filólogos atuais, do que na dos poetas ibéricos medievais: entre a teatralidade e o poema, entre o manuscrito e o impresso, a amiga e a “senhor”, o cervo real e o psicopompo, não parece haver uma necessidade explícita de clarificar os seus limites para o público medieval¹⁰: ele parece entender as suas subtilezas, trautear as suas rimas, dançar e aplaudir a inversão das normas trovadorescas, à medida que estes poetas continuaram a produzir as suas obras, ora em manuscrito, ora em impressos, prova evidente do seu sucesso, além dos limites esperados pelo olhar crítico dos investigadores atuais.

Deste modo, com esta reflexão sobre as diferentes noções de fronteira a serem exploradas dentro dos estudos literários medievais ibéricos, chegou-se à conclusão da importância da inclusão dos elementos adjacentes ao objeto de estudo, e suas vicissitudes, aquando da abordagem de temas fronteiriços.

Na pluralidade de áreas temáticas que compuseram as comunicações apresentadas, no XIV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, demonstrou-se a plasticidade científica que era própria do pensamento medieval, e que, de certa forma, fez com que os presentes se conseguissem aproximar mais de uma mentalidade que tem sido tão pouco compreendida pela humanidade pós-positivista.

¹⁰ “El símbolo es un modo de pensamiento y de sensibilidad tan habitual para los autores de la Edad Media que no sienten ninguna necesidad de advertir a los lectores sobre sus intenciones semánticas o didácticas, ni de definir siempre los términos que van a emplear.” PASTOUREAU, Michel – *Una historia simbólica de la Edad Media occidental*. Buenos Aires; Katz editores, 2006, p. 11.

Referências bibliográficas

Estudos

AGAMBEN, Giorgio – *O aberto. O Homem e o Animal*. Lisboa: Edições 70, 2003.

ÁLVARES, Cristina; SOUSA, Sérgio Guimarães de (ed.) – *Limiares Homem Animal na literatura e na cultura da Idade Média*. Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Warszawa, Wien: Peter Lang, 2023.

CHÊNERIE, Marie-Luce – *Le chevalier errant dans les romans arthuriens en vers des XIIe et XIIIe siècles*. Paris: Librairie Droz, 1986.

EIRÍN, Leticia – “O cancionero de Don Denís como intertexto poético”. In *Estudos galego-brasileiros 4 - Língua, Literatura, Identidade*. A Coruña: Universidade da Coruña, 2010, pp. 109-132.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés; ARMISTEAD, Samuel G. – *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, Universidad de Valladolid, 2000.

GOMES, Rita Costa – *Castelos da Raia*. Vol. I - *Beira*. Lisboa: IPPAR, 1996.

HARO CORTÉS, Marta – “La teatralidad en los villancicos pastoriles de Juan del Encina”. In BELTRAN LLAVADOR, Rafael (coord.) – *Homenaje a Luis Quirante*. Vol. I. Valencia: Universidad de Valencia = Universitat de València, 2003. pp. 191-204.

MARTOS, Josep Lluís, et al. – “Poesía de cancionero y fuentes impresas: el repertorio abreviado de incunables poéticos”. In TORO PASCUA, María Isabel; VALLÍN, Gema (dirs.) – *Tradiciones poéticas de la Romania (entre la Edad Media y la Edad Moderna)*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2024, pp. 329-340.

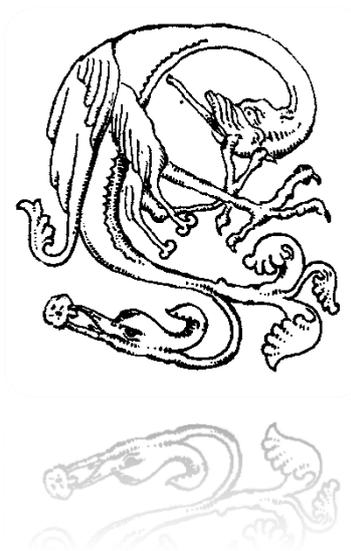
PASTOUREAU, Michel – *Una historia simbólica de la Edad Media occidental*. Buenos Aires: Katz editores, 2006.

PIRES, Natália Albino – “Especificidade das formas adjetivais em romances da tradição oral moderna portuguesa: formas hápax”. In MARÇALO, Maria João, et al. (ed.) – *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010, pp. 101-114.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de – *Estudos sobre o romanceiro peninsular: romances velhos em Portugal*. Madrid: Imprenta Iberica, 1909.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

MONIZ, Helena S.; FONSECA, Ana Cristina; ALDREI, Iolanda – “XIV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval – FRONTEIRA-Almeida (Guarda) – Portugal, 4-6 de setembro de 2024” *Medievalista* 37 (Janeiro – Junho 2025), pp. 515-525. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)